

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Enquadramento da Modalidade Desportiva

2.1.1. Futebol, um Jogo de características únicas

“Futebol, um jogo simples, de regras simples, com vinte e dois jogadores, onze em cada equipa, oferecendo uma variedade infinita de combinações e emoções.”

(Garganta, Oliveira & Murad, 2004, p. 13)

O futebol é, por definição, um jogo colectivo (Lobo, 2002), como tal, todo o processo é um processo de socialização e aculturação, que procura induzir no homem que joga, a interiorização e adaptabilidade de um conjunto de valores e regras de convivência, partilhadas num contexto específico, e num regime de especificidade, instituída pelo cumprimento dessas regras ou normas de conduta comuns a todos os elementos de um determinado grupo, isto é, de uma equipa.

O futebol caracteriza-se pelo confronto entre duas equipas, que são constituídas por um conjunto de jogadores que em interacção, através da conjugação da diversidade de acções permitidas pelas respectivas leis do jogo, procuram superiorizar-se ao adversário (Lopes, 2007).

O confronto entre as duas equipas em interacção proporciona a possibilidade de uma variabilidade de habilidades técnicas e de acções colectivas e individuais que fazem do futebol um meio educativo e formativo por natureza (Teodurescu, 1984) tendo em consideração as potencialidades de desenvolvimento essencialmente aos níveis táctico-cognitivo, técnico e sócio-afectivo (Garganta, 1994). Deste modo, e como afirma Valdano (2002) o futebol é uma combinação de organização colectiva mas de exaltação de capacidade individual.

A riqueza educativa e formativa do futebol promove o desenvolvimento dos respectivos conhecimentos específicos e da inteligência, esta entendida como a capacidade de adaptação e resolução dos problemas que o jogo levanta (Garganta, 1994). Assim, os problemas que surgem no jogo são motivados pela interacção permanente das relações de cooperação e de oposição (Deplace, 1979 cit. Gréhaigne, 1992).

As relações de cooperação, entre jogadores da mesma equipa, são fundamentais na respectiva sequência de acções, assumem uma importância determinante na formação de um projecto colectivo de jogo e, em função desse projecto, na resolução dos problemas colectivos ou individuais que a equipa adversária coloca (Lopes, 2007). As relações de oposição, entre jogadores de diferentes equipas, são decisivas na colocação de problemas e consequentemente no grau de complexidade do jogo. Isto é, quanto maiores, em termos qualitativos, forem os problemas que uma equipa coloca à outra, mais elaboradas têm que ser as soluções encontradas para os ultrapassar. O que implica que a complexidade do jogo vai aumentando com a dificuldade dos problemas e com a melhoria da qualidade dos jogadores.

Em virtude das permanentes relações de cooperação e oposição inter e entre equipas, dos respectivos problemas levantados, as equipas e os jogadores necessitam de assumir uma constante atitude tático-estratégica, a qual esta relacionada com o conhecimento específico dos jogadores (Garganta, 1994) e com o projecto colectivo do jogo da equipa.

Desta forma, os conhecimentos específicos dos jogadores são determinantes na qualidade de desempenho colectivo e individual e a sua aprendizagem e desenvolvimento devem ser os objectos dos processos de ensino e treino. Assim, a dimensão tática assume o centro da estrutura do rendimento dos jogos desportivos colectivos, nos quais se insere o futebol (Frade, 1989; Garganta, 1994).

O Jogo de Futebol é um sistema complexo onde a aleatoriedade e imprevisibilidade marcam de forma evidente a sua especificidade (Cunha e Silva, 2000). A aleatoriedade evidencia-se porque a ocorrência das situações não apresenta uma lógica sequencial, ou seja, manifesta-se de forma arbitrária. A imprevisibilidade acontece porque os problemas que o jogo levanta podem ser resolvidos através de diferentes soluções, dependem dos conhecimentos específicos que se tem, da interpretação que o jogador faz da situação e da sua auto-consciência relativa as capacidades para resolução desse problema. O futebol é um jogo aberto, e como tal sensível às ocorrências do momento. Uma decisão tomada numa determinada altura proporciona um jogo, mas se a decisão for outra vai proporcionar um jogo diferente. Apesar destas características específicas, a natureza do jogo de futebol é reconhecida por evidenciar certas regularidades, por isso não é confundido com um jogo de Basquetebol, de Andebol ou de Futsal. Tem características estruturais e funcionais invariantes que não permitem essa confusão.

2.1.2. A “dinâmica” do Jogo de Futebol...Futebol, um jogo de momentos

O estudo do conteúdo do jogo assume, na sua mais recente história, duas lógicas que se pretendem didáticas e que se relacionam com entendimentos distintos da dinâmica dos jogos (Castelo, 1996).

Os diferentes momentos do jogo apresentam comportamentos que podem assumir várias escalas (Cunha e Silva, 2000). Uma escala colectiva, que está relacionada com os comportamentos que toda a equipa tem que assumir. Uma escala sectorial ou grupal, que são os comportamentos que um sector da equipa ou um grupo de jogadores devem assumir em função da situação. Uma escala inter-sectorial, que são os comportamentos que se referem à interligação entre os diferentes sectores. Por último, uma escala individual que são os comportamentos que determinado jogador deve assumir num momento específico de jogo (Guilherme, 2004).

No que diz respeito à inter-relação dos diferentes momentos, eles devem permitir, em todas as circunstâncias, a identificação da singularidade do todo. Dessa forma, independentemente da inter-relação dos momentos e da escala em que se possam evidenciar, eles devem manifestar as invariâncias que caracterizam os respectivos momentos, as suas interações e serem representativos da forma de jogar de uma equipa (Amieiro, 2005).

2.1.3. Uma abordagem colectiva, especificando até á individualidade

De uma forma sucinta pode-se considerar que um sistema é um todo dinâmico constituído por elementos que se relacionam e interagem entre si e com o meio envolvente (Bertrand & Guillemet, 1994). Segundo os autores, independentemente da natureza do sistema, estes revelam um conjunto de pressupostos que os caracterizam como sendo, a sua abertura, a sua finalidade, a sua complexidade, o seu fluxo e o seu equilíbrio.

Atendendo às características evidenciadas e às similitudes que se podem fazer, é possível considerar-se um sistema o ser humano, uma organização, uma sociedade, mas também um jogador, uma equipa ou um jogo de futebol.

Um jogador pode ser considerado um sistema no sentido da sua própria natureza de homem e como agente desse sistema. Godinho *et al* (2002) salientam que o homem é um sistema complexo que se apresenta em constante transformação provocada por influências internas e externas. O jogador também é um sistema que evidencia constantes alterações provocadas por motivos de índole pessoal, mas também pelas interações com os seus colegas e adversários, isto é, com o meio que o envolve, influenciando e sendo influenciado também por esse meio. Essa interação promove a criação de conhecimentos específicos que são determinantes na compreensão e criação do sistema jogador e do jogador com o meio e do meio com o jogador.

Uma equipa também pode ser considerada um sistema (Teodorescu, 1984; Garganta, 1997; Vargas, 2003). É formada por subsistemas, que são os jogadores, que interagem com objectivos e finalidades definidas. Criando um meio aberto, complexo e dinâmico em que o produto, isto é, as características colectivas que a equipa evidencia é diferente do somatório das características e capacidades dos diferentes jogadores. Existe uma sinergia entre os diferentes jogadores da equipa para se atingirem os objectivos pretendidos.

Um jogo de futebol pode ser considerado um sistema de sistemas (Garganta, 1997). O jogo é um confronto entre dois sistemas, que são as duas equipas. Mas estas têm características peculiares, referenciadas aos denominados modelos de jogo, sendo também um confronto de sistemas de jogo. É ainda um confronto entre os jogadores de ambas as equipas que agem constantemente com a finalidade de alcançarem os seus objectivos pessoais e colectivos durante todo o jogo.

O jogo de futebol pelas suas características estruturais e funcionais pode ser considerado como um sistema dinâmico complexo (Frade, 1989; Garganta, 1997). Como refere Vriend (1994, cit. Phelan, 2001, p. 15) “um sistema complexo” é um sistema que consiste num grande número de agentes que interagem entre si de várias formas. Um tal sistema é “adaptativo” se esses agentes modificarem as suas acções como resultado dos eventos do processo de interacção” e apresentarem características de auto-organização se os diferentes agentes desse sistema interagirem espontaneamente entre si e cooperarem com objectivos e comportamentos comuns, coordenados e concertados, criando uma ordem a partir de aparente desordem (Stacey, 1995).

A complexidade do jogo resulta de dois planos diferentes. O originado pela interpretação que o sujeito faz do fenómeno, que tem por base o nível de conhecimento que o observador tem da realidade (Vallée, 1990 cit. Garganta, 1997), e a do fenómeno propriamente dito, isto é, independentemente do nível de conhecimento do observador, a realidade pode ser mais ou menos complexa. Neste segundo plano, a complexidade do jogo é o próprio jogo, ou seja, a interacção entre as duas equipas, as interacções entre os jogadores da mesma equipa, o jogo das previsibilidades e imprevisibilidades, que constantemente se confrontam, a aleatoriedade dos acontecimentos, a capacidade de criação das equipas e dos diferentes jogadores, a qualidade do jogo e dos jogadores e, conseqüentemente os problemas levantados, proporcionam um meio complexo que, para ser perceptível, tem de ser gerado e analisado nesse envolvimento (Guilherme, 2004).

Quando se pretende reduzir essa complexidade, as interacções desvirtuam-se e fazem-se desaparecer, frequentemente, os padrões que dão sentido ao jogo. Assim, para entender este tipo de sistemas e conseguir intervir direccionando-os é necessário compreendê-los na sua complexidade e com as interacções que o caracterizam.

2.1.4. O Futebol como um contexto Psico-socio-desportivo

Poderão ser apontados diversos benefícios, e em distintos níveis, para a participação dos jovens numa modalidade desportiva, sendo que no futebol não é excepção.

O desporto congrega em si um ambiente psicossocial complexo, com inúmeros aspectos passíveis de serem estudados (Smoll & Smith, 2006). Os Jogos Desportivos Colectivos (JDC), designação que engloba modalidades como o Futebol, o Andebol, o Basquetebol e o Voleibol, ocupam um lugar importante na cultura desportiva contemporânea (Garganta e Pinto, 1994). Os JDC concernem um meio formativo de excelência, dado que permitem o desenvolvimento de competências de diversos domínios, desde o domínio físico ao domínio cognitivo.

Para Smoll (1991), poderemos, através da prática desportiva, promover benefícios físicos, como o alcance de destrezas desportivas, assim como, melhorar a condição física e estado de saúde. O autor, aponta ainda para o alcance de benefícios psicológicos, como sendo, a capacidade de liderar, a atitude do jogador face a situações

competitivas, promoção da capacidade de cooperação, potenciação da sua auto-realização e da auto-confiança. Para além dos benefícios físicos e psicológicos da participação desportiva, o autor apresenta também os benefícios ao nível do social, como se torna importante eles fazerem amigos e se relacionarem com pessoas diferentes.

Cruz *et al* (1999), apontam o desporto, e por consequência o futebol, como uma excelente meio para treinar competências psíquicas as quais poderão ser transferidas e utilizadas em outros contexto de vida extra-desportiva. Neste sentido, os técnicos envolvidos na formação do jovem jogador, para além da preocupação que concernem em volta da potencialização das competências técnicas, táticas, físicas e psíquicas específicas para a modalidade, deverão também reunir preocupações ao nível do desenvolvimento de competências de vida as quais serão determinantes no desenvolvimento psicossocial do jovem jogador. Estas competências são especificadas por Cruz & Viana (1996) e em termos de síntese fazem referência: a) ser organizado; b) ter bons rendimentos sob pressão; c) aceitar os valores e as crenças dos outros; d) aceitar e encarar desafios; e) formular objectivos e delinear estratégias para o alcanças; f) Saber lidar com a vitória e com a derrota; g) ser auto-controlado; h) explorar os seus limites; i) aceitar a critica como elemento construtivo no seu processo de formação; j) comunicar eficazmente com outros; k) ser capaz de aprender; l) ser auto-motivado intrinsecamente; e m) ser capaz de trabalhar em equipa.

Como complementa Cruz (1996), denotam-se cada vez mais jovens a praticarem actividade física nas diferentes modalidades. Deste modo, parece ser um contexto em que os indivíduos reconhecem a importância de estarem envolvidos, assim, os valores adquiridos com a experiência desportiva poderão ser transferidos e utilizados em outros contextos de vida do jogador. No entanto, para Petitpas & Champagne (1988, cit Cruz *et al*, 1999), existirão jogadores que se centram demasiado no desporto como contexto formador da sua identidade, e depois não têm confiança suficiente para se afirmarem e apresentarem as competências que desenvolveram no contexto desportivo. Neste sentido, vêem-se como atletas bem sucedidos e não como pessoas bem sucedidas, podendo esta transferência de competências não ser tão linear, e carecer de intervenção por parte dos técnicos dos diferentes contextos.

2.2. O Jovem Jogador e a Prática Desportiva

2.2.1. A Prática Desportiva e a perspectiva globalizante do rendimento desportivo.

“ A excelência desportiva requer, cada vez mais uma perspectiva «inteira»
dos processos de treino e competição(...)”
(Garganta, 2004, p. 230)

“Futebol exprime-se como um todo e nunca só pela vertente Tática”
(André Villas-Boas, 2010, p. 18)

No desporto, os aspectos que convergem para a performance de excelência no jogador derivam de um elevado grau de especialização e desenvolvimento de diferenciados indicadores agrupados em domínios. Considerando a literatura específica de treino desportivo, a qualidade de desempenho do jogo de futebol está relacionada com quatro dimensões: a dimensão tática, a dimensão técnica, a dimensão fisiológica e a dimensão psicológica (Bangsbo, 1993; Garganta, 1997). Castelo (2002) apresenta-nos distintas dimensões de rendimento desportivo, sendo: dimensão física, dimensão técnica, dimensão tática e dimensão psicológica.

Janelle e Hillman (2003), acreditam que a análise de rendimentos superiores deverá ser considerada em quatro domínios, como sendo, o domínio cognitivo, no qual concerne a dimensão tático – estratégica e perceptiva, o domínio técnico, o domínio mental / emocional (competências psicológicas e controlo emocional) e o domínio físico.

Ericsson, Krampe & Tesch-Romer (1993), acreditam na existência de outros factores que poderão influenciar a performance de excelência dos jogadores, como por exemplo, o apoio dos pais, e o “gene” cultural da modalidade. Esta diferenciação de domínios, não é unânime na literatura.

A importância hierárquica que cada dimensão assume na qualidade dos desempenhos esta dependente das concepções e das ideias de jogo, de ensino e de treino que os professores e treinadores privilegiam. No entanto, essas concepções estão relacionadas com diferentes correntes de pensamento, o positivismo e o construtivismo, o

cognitivismo e a Psicologia ecológica (Garganta, 1994; Sá, 2001), e com a evolução de algumas áreas científicas relacionadas com o desporto, como a fisiologia do desporto e a biomecânica (Tani, 2002) que ao longo dos tempos assumiram uma importância relevante.

Não obstante o referido, actualmente a dimensão Tática é a reconhecida como a geradora e condutora de todo o processo de jogo, de ensino e de treino, uma vez que o principal problema colocado às equipas e aos jogadores é sempre de ordem tática (Teodorescu, 1984; Queiroz, 1986; Frade, 1989; Gréhaigne, 1992; Castelo, 1994; Garganta, 1997).

Contudo, deve entender-se Tática não apenas como umas das dimensões tradicionais do jogo mas sim como a dimensão unificadora que dá sentido e lógica a todas as outras (Guilherme, 2004). Assim, a dimensão Tática funciona como a interacção das diferentes dimensões, dos diferentes jogadores, dos diferentes intervenientes no jogo, isto é, jogadores e treinadores, e dos respectivos conhecimentos que estes evidenciam.

Analisando o futebol a partir da dimensão Tática o processo de interacção assume uma importância determinante na construção do jogo. Relativamente a esta temática Frade (1990, p. 4) salienta a “interacção como uma invariante estrutural. Estrutura primordial cuja natureza não são “naturezas”, mas sim sistemas de relações... sentimos que o seu efeito se exerce particularmente no universo da linguagem-objecto, que funciona, em parte pelo menos, como modelo sócio-cognitivo. Os dados não são portanto, dados brutos, já que os factos não se reduzem às suas dimensões externas, observáveis e quantificáveis”.

Para os investigadores das modalidades colectivas, e em específico no futebol, acreditam na importante influência que as capacidades cognitivas e psíquicas concernem no alcance de rendimentos superiores, tornando-se extremamente relevante promover o desenvolvimento destas capacidades para que os jogadores estejam aptos a dar resposta às distintas exigências do contexto (Garganta e Pinto, 1994).

Para Greco (1999), o jogador em cada momento e em cada acção executada realiza uma preparação mental daquilo que quer reproduzir, através da informação que consegue antecipar, dos adversários e até dos próprios colegas, sendo sempre solicitado a adequação de resposta.

Janelle e Hillman (2003), salientam que para um jogador atingir um nível considerado de excelência deverá desenvolver e otimizar as suas competências psicológicas. Para estes autores, torna-se absolutamente imprescindível trabalhar a capacidade motivacional, as estratégias de definição de objectivos, a sua confiança e a capacidade de manter uma atitude positiva, a visualização mental, assim como desenvolver os seus *skills* de relacionamento interpessoal. Segundo os mesmos autores, a interacção e a repercussão das competências psicológicas nas outras dimensões, são evidentes na sua capacidade facilitadora ou inibidora de acções desportivas.

Para que o jogador seja capaz de otimizar a sua prática, necessita de uma dimensão física bem desenvolvida. Esta dimensão física aparece como sendo a capacidade aeróbia e anaeróbica do jogador. No entanto, na literatura, as capacidades físicas requeridas para a prática desportiva não entram em consenso, uma vez que as exigências das modalidades são distintas (Janelle e Hillman, 2003).

Pode-se realçar que a interacção das dimensões e das relações é uma componente estrutural do jogo. É o elo de ligação que dá sentido e sentimento ao jogo, promovendo uma especificidade de jogo, uma vez que o jogo é muito mais do que um somatório de ocorrências, é um enredo que se pretende criado desses ocorrências, que, em consequência, promove a criação e o desenvolvimento de conhecimentos colectivos e individuais que lhe são próprios e que vão permitir a melhoria qualitativa de jogo, colectiva e individual (Guilherme, 2004).

Nesta perspectiva as concepções de jogo e os conhecimentos daí resultantes só têm sentido quando a interacção for o suporte estrutural dessas concepções e subsequentes conhecimentos. Assim, para analisar e criar o jogo, este deve ser entendido dentro de uma perspectiva sistémica (Teodorescu, 1984; Frade, 1989; Gréhaigne, 1992; Castelo, 1996; Garganta, 1997; Cunha e Silva, 2000).

2.2.2. O jovem jogador em processo de mudança... constrói e é construído pela realidade

“O homem que não tem vida interior é escravo do que o rodeia”

(Amiel, H. F., in Maxwell, 2007, p. 223)

Durante um jogo de futebol, os praticantes são confrontados com um conjunto de problemas, cuja resolução eficaz depende de conhecimentos específicos e da interacção das experiências e vivências dos diferentes jogadores (Guilherme, 2004). Tal como Garganta, Oliveira e Murad (2004) o futebol é um jogo simples, composto por regras simples, contendo vinte e dois jogadores, distribuídos por duas equipas, onde surge uma variedade infinita de combinações e de emoções.

A análise da situação e a capacidade de encontrar uma solução adequada para o problema esta, em parte, dependente dos conhecimentos táticos (Konzag, 1990; Tavares, 1993; Garganta, 1997; Greco *et al.*, 1998, Williams & Reilly, 2000). A capacidade de execução dessa solução está dependente das competências e de conhecimentos técnicos (Mesquita, 1998).

Desta forma, a capacidade de jogar implica o desenvolvimento de um conjunto de saberes (Frade, 1989; Garganta, 2002), mais concretamente, como refere Frade (1989) “Um saber fazer e um saber sobre o saber fazer”.

Relativamente ao “saber sobre o saber fazer”, este implica dois tipos de conhecimento. Por um lado, um conhecimento tático-técnico abrangente, que funciona como uma cultura tática de jogo, permitindo entender, perceber e expor a opinião acerca do que pode e deve ser feito. Por outro lado, um conhecimento que está relacionado com uma auto e hetero-interpretação de um projecto de jogo colectivo e que permite a evolução, colectiva e individual através da interacção entre a cumplicidade e a divergência das interpretações e acções dos jogadores.

O “saber fazer” implica ter conhecimentos e capacidades para executar com êxito determinada acção, independentemente de ser realizada de uma forma consciente ou não e da possibilidade ou não de ser explicitada por quem a vivencia (Guilherme, 2004).

Como tal, para haver proficiência no desempenho, é necessário que exista um conjunto de conhecimentos que interajam, em que a acção propriamente dita é a consequência da conjugação desses “saberes”. Assim, parece evidente que o conhecimento específico é um aspecto fundamental na performance do jogador de futebol, tanto no plano colectivo como individual. Como nos referem Williams *et al.* (1999), os jogadores mais evoluídos apresentam um maior conhecimento específico na respectiva modalidade.

Segundo Kant (s/d, cit. Savater, 1999, p. 58) “o que achamos conhecimento é uma combinação do que a realidade traz com as formas da nossa sensibilidade e as categorias do nosso entendimento. Não podemos captar as coisas em si mesmas mas apenas como as descobrimos através do nossos sentido e da inteligência que ordena os dados oferecidos por eles. Isto significa que não conhecemos a realidade pura mas apenas como é o real para nós. O nosso conhecimento é verdadeiro mas não chega senão até onde lhe permitem as nossas faculdades”.

Morin (1991, p. 13) salienta que “todo o conhecimento opera por selecção de dados significativos e rejeição de dados não significativos: separa (distingue ou desune) e une (associa, identifica); hierarquiza (o principal, o secundário) e centraliza (em função de um núcleo de funções mestras)”.

Analisando o conhecimento, para Le Moigne (1994, p. 173) “não mais considerar o conhecimento como a procura da representação icónica de uma realidade ontológica, mas como a procura da maneira de se comportar e de pensar convenientemente. O conhecimento torna-se então algo que o organismo constrói com o objectivo de criar uma ordem no fluxo da experiência”.

Atendendo ao exposto anteriormente verifica-se, por um lado, uma congruência de ideias dos diferentes autores e, por outro lado, uma certa complementaridade dessas ideias. Uma primeira ideia é que o conhecimento é algo que está permanentemente a crescer e a ser reformulado, não é estanque. É um processo que está permanentemente aberto às evoluções e alterações do pensamento (Cunha e Silva, 1995).

No futebol, esta característica é evidente em todos os jogadores, mesmo nos mais experientes e com desempenhos de melhor qualidade. Os aspectos que provocam essas reformulações e evoluções são essencialmente a exercitação permanente, a criação de de novas soluções, a transmissão e a evolução de novas ideias, a evolução do jogo colectivo, a interacção com jogadores diferentes, as auto e hetero-interpretações e as adaptações a diferentes modelos de jogo (Guilherme, 2004).

Uma segunda ideia que sobressai é a de que o conhecimento não é uma representação única da realidade, mas uma auto e hetero-construção dessa realidade. Essa divergência de individualização do conhecimento está dependente das experiências anteriores, das

capacidades cognitivas, das perspectivas, dos sentimentos e emoções associados a esses momentos (Damásio, 1994).

Esta característica também é manifestada nos jogadores de futebol. Jogadores diferentes perante situações idênticas solucionam e executam de forma divergente. Também jogadores diferentes confrontados com as mesmas ideias, do treinador e da equipa, têm interpretações distintas, originadas pelos conhecimentos já formados pelas experiências que ocorreram ao longo das respectivas vidas e pelas emoções associadas a todos estes processos. Como tal, a manifestação dos conhecimentos então adquiridos são diferenciadas.

Uma outra ideia que deve ser realçada é que sendo o conhecimento uma auto e hetero-construção, existe uma permanente dialéctica de interpretação, de condicionamento e reformulação entre o conhecimento que se adquire e o conhecimento já existente, criando-se novos conhecimentos (Damásio, 1994, 2000; Williams *et al.*, 2000).

Uma última ideia associada às definições mencionadas é a de chegar ao conhecimento através da organização das experiências e das potenciais informações a eles associadas. Ou seja, quando vivenciamos ou experienciamos determinados acontecimentos, eles estão associados a determinados temas da realidade e o conhecimento permite organizá-los e tratá-los, dando-lhes sentido (Eysenck & Keane, 1994).

O jogo de futebol, pela particularidade que concerne ao ser uma modalidade colectiva, pode ser encarado como um contexto em que a quantidade de interacções que se estabelecem entre os jogadores e o produto dessas interacções, vão permitir a atribuição de um significado ao jogo, assim como aquisição e adaptação de informação por parte dos jogadores (Júlio & Araújo, 2005).

Em uma qualquer situação competitiva, o jogador, é constantemente confrontado com variados estímulos. Estes estímulos, permitirão a elaboração de uma resposta já prevista para aquela necessidade colocada pelo contexto, ou um *re-adequamento* da informação de resposta, face a necessidade de adaptação ao contexto (Araújo e Passos, 2007).

Segundo Garganta (2005), a melhor capacidade de adaptação por parte do jogador, permitir-lhe-á uma construção de jogo considerada ideal para si, e por conseguinte obterá uma superiorização face aos seus adversários.

Pelo exposto anteriormente, o rendimento dos jogadores está dependente de um conjunto de interacções que decorre do respectivo conhecimento específico e se manifesta através do comportamento tático. O conhecimento específico é o conhecimento necessário para a realização de determinada acção dentro de um domínio particular. Sendo assim, e segundo Guilherme (2004), o jogo de futebol parece requisitar do jogador três formas de manifestação distintas de conhecimento específico, que interagem permanentemente, o conhecimento tático-técnico específico, o conhecimento específico relacionado com as habilidades técnicas, e o conhecimento específico relacionado com a auto e hetero-interpretção de um projecto colectivo de jogo..

2.2.3. A Formação Desportiva como processo consciente do estágio de desenvolvimento do jovem jogador

“É imperativo distinguir o conceito de desenvolvimento (...) da noção de simples mudança com o tempo.(...) Por outras palavras, o conceito desenvolvimento refere-se sempre a uma progressão ideal em relação a um objectivo último.”

(Tappan, 1992, cit. Lourenço, 2002, p. 35)

É inquestionável a afirmação de que o movimento é a primeira forma, e a mais elementar, de comunicação humana com o meio envolvente nos primeiros anos de vida. Para Rarick (1982) e Wickstrom (1983), os movimentos reflexos, os movimentos rudimentares e o estágio inicial dos padrões motores básicos reflectem a herança filogenética do género *Homo*.

O corpo apresenta-se ao próprio sujeito e aos outros como sendo movimento e acção, expresso em fases distintas, desde os movimentos reflexos às habilidades motoras específicas de cada modalidade desportiva, em estádios de aprendizagem e desenvolvimento motor sequenciados e marcados em função do escalão etário. (Gallahue & Ozmun, 2005).

A análise do desenvolvimento, das transformações, das experiências do jovem jogador, torna-se bastante aliciante pelo facto de acontecerem mudanças significativas na

infância e conseqüentemente na adolescência de ordem física, cognitiva, emocional, social e até mesmo ao nível ético e moral (Brustad, 1998).

A concepção desenvolvimentista tem por base uma posição teórica oriunda da teoria dos estádios de Piaget, sendo designada de teoria clássica ou simplesmente teoria do desenvolvimento, desenvolvimento este que resulta de uma interacção sujeito – meio, interacção esta que conduziria à construção de esquemas cada vez mais complexificados (Matta, 2001). A ideia de estádios para a sequenciação dos padrões motores básicos reflecte, essencialmente, noções de universalidade e invariância, unanimemente aceites para sequências predizíveis no que se refere à totalidade do corpo ou a partes distintas (Williams, 1983).

No entanto, Vygotsky (1998) entende que o desenvolvimento não é um processo linear e é fortemente condicionado pelo ambiente. A criança está sempre pronta para algum tipo de experiência, mas a selecção e a provisão dos estímulos que desencadeiam a resposta desejada são da responsabilidade do meio envolvente. Segundo o mesmo autor, se se pretende determinar o estado de desenvolvimento de uma criança é necessário determinar dois níveis de desenvolvimento, o primeiro nível de desenvolvimento actual ou real, aquilo que a criança é capaz autonomamente realizar, e o nível de desenvolvimento potencial, aquilo que realiza através da interacção com indivíduos mais experientes (Matta, 2001). Segundo a mesma autora, a construção do conhecimento decorre “do social para o individual, do interpessoal para o intrapessoal” (p. 76), e como tal, as novas etapas de conhecimento não surgem de potenciais de estádios anteriores mas sim de um conflito real entre o jogador e o contexto, com o objectivo de desenvolver uma constante adaptação.

Um conceito distinto do anterior, é apresentado por Malina (1986; 1993) como sendo o de prontidão¹ alicerçado nas sugestões do psicólogo cognitivista Brenner (1957), onde duas matrizes complexas se cruzam continuamente, a do sujeito, enquanto entidade bio-social, e a das exigências das tarefas do treino.

Esta problemática conduz-nos ao conceito de prontidão desportivo-motora (Malina, 1986; Magill, 2000) o qual está relacionado com o ponto de equilíbrio entre as exigências próprias do treino ou competição, e as capacidades de resposta actuais do

¹ No original “*readiness*”

jovem jogador, demonstrando uma relação funcional entre uma matriz multivariada de aptidões do sujeito e as exigências específicas de uma actividade ou tarefa. A prontidão desportivo-motora caracteriza-se por ser um processo individualizado pois, em virtude de factores de ordem genética e de ordem do envolvimento, os momentos de prontidão diferem de jovem atleta para jovem atleta. No entanto, é algo global pois deve verificar-se em relação a todas as estruturas e funções comprometidas nas exigências da prática desportiva, nomeadamente os aspectos biológicos, cognitivos e emocionais. Um outro aspecto a ressaltar, é que o conceito de prontidão desportivo-motora é específico em relação à modalidade em questão, pois cada actividade desportiva coloca exigências diferenciadas, tanto do ponto de vista do treino como da competição.

Em consonância com as questões do desenvolvimento por etapas, Bloom (1985) apresentou fases distintas para explicar a aquisição e desenvolvimento das capacidades dos jogadores. Neste sentido, identificou três estágios, nomeadamente nas modalidades de ténis e natação. O primeiro estágio é caracterizado por uma fase agradável, considerando como a fase *Play*. O segundo estágio, tem início por volta dos 11, 12 anos, e tem como principal objectivo desenvolver as competências para o domínio específico. A terceira fase, faz referência à fase adulta, onde o objectivo se centra na performance individualizada do atleta (idade adulta).

Segundo Matta (2001, p. 79) o “desenvolvimento é resultante de um jogo complexo entre factores de ordem biológica e ambiental, procurando compreender-se como, em diferentes momentos, estes factores se relacionam”.

Neste sentido, Visek, Harris e Blom (2009), delinearam considerações acerca de distintas características consoante o escalão etário (Quadro 1), com o objectivo de informar e formar os técnicos, nomeadamente psicólogos do desporto, que trabalham e promovem acções e comportamentos com escalões mais jovens.

	Infância (6 aos 11 anos)	Pré-Adolescência (10 aos 14 anos)	Adolescência (15 aos 17 anos)
Físico	Capacidade de domínio da maioria das capacidades motoras; torna-se mais ágil; início da puberdade para alguns no final deste estágio.	Puberdade; Produção de hormonas sexuais; mudanças físicas acontecem repentinamente.	Alterações físicas começam a abranda; maturação física; impulsos sexuais.

Cognitivo	Pensamento concreto: lógico, não raciocinam de modo abstracto, nem consideram possibilidades. Linguagem torna-se mais sofisticada	Começam a pensar de modo abstracto; consideram alternativas (hipóteses).	Pensamento mais abstracto; multidimensional; juízo moral, social, questões políticas.
Emocional	Começam a experienciar emoções complexas (culpa, vergonha), mais sensíveis, empáticos.	Alterações emocionais (mal-humorado)	Maior capacidade para exprimir sentimentos; Menor oscilação do humor;
Social	Socialização com os pares é importante; menor egocentrismo; pressão dos pares; rejeição, conformidade, aprovação.	Colegas desempenham um papel cada vez mais importante; Forte necessidade de pertença. Popularidade torna-se importante.	Passam mais tempo com os pares; desenvolvem relações mais maduras e íntimas; Necessidade de independência.

Quadro 1: Considerações das Características do Desenvolvimento Juvenil (Traduzido e Adaptado de Visek, Harris e Blom, 2009, pp. 273)

De acordo com a lógica que tem vindo a ser debatida, a construção do conhecimento e desenvolvimento de capacidades por etapas, Balyi (2001), apresentou um modelo de desenvolvimento para atletas de acordo com a idade de início da prática da modalidade., o qual subdivide em dois modelos, o primeiro o modelo de especialização precoce para modalidades como ginástica rítmica, patinagem artística, mergulho e ténis de mesa, e o segundo, o modelo de especialização tardia para modalidades como desportos de combate e modalidades de equipa (colectivas). As fases dos dois modelos são idênticas, à excepção da primeira, fase fundamental.

A fase “(*Fun*)damental” inicia-se por volta dos 6 anos de idade e terá o seu término por volta dos 10 anos², tanto para os rapazes como para as raparigas. Esta fase é caracterizada pela introdução de regras e comportamentos éticos na acção do jovem praticante. É nesta fase que o jovem jogador inicia o desenvolvimento das suas capacidades físicas, como a agilidade, o equilíbrio, coordenação e a velocidade. Nestas idades os autores recomendam a participação em mais de uma modalidade, como factor

² O autor refere que as idades acima descritas no modelo são apenas linhas orientadores gerais, uma vez que o conceito de desenvolvimento é único e individual, dependendo do contexto/modalidade e exigências da mesma a que o individuo está sujeito.

potenciador no alcance da excelência desportiva, e onde aponta que a iniciação antes dos 10 anos em uma única modalidade, a especialização, poderá ser prejudicial para o desempenho desportivo futuro do jogador. Fase onde o processo de formação deverá ser extremamente estruturado mas não demasiado regrado. É nesta fase que o talento poderá começar a ser identificado através das competências desenvolvidas.

A segunda fase, “Treinar para Formar”³, tem o seu início por voltas dos 10 anos, e termina por voltas dos 14 anos para os rapazes e por volta dos 13 para as raparigas. Nesta etapa os jovens atletas começam a perceber como treinar e a adquirirem os *skills* básicos da modalidade específica, a nível técnico e tático, e é nesta etapa que o autor aconselha o início do treino psicológico. Essencialmente focam-se na aquisição e melhoria das suas competências, onde deverão aprender a lidar com os desafios físicos e mentais. Colocando em valores percentílicos, o autor refere que 75% da prática deverá ser dedicada ao treino e 25% à competição, contudo estas percentagens poderão sofrer alterações de acordo com as exigências e tipo de modalidade.

“Treinar para competir”⁴ é a terceira fase deste modelo desenvolvido pelo autor. Segundo este, os rapazes iniciam por volta dos 14 anos e terminam por volta dos 18 anos, e as raparigas tem o seu início por volta dos 13 anos e terminem aos 17 anos. As percentagens neste estádio são equivalentes, 50% do tempo de pratica dedicado ao treino, e 50% dedicado à competição. Neste estádio, o processo de formação é individualizado e direccionado para as necessidades de cada um. Os jogadores concentram o seu desenvolvimento na optimização das suas competências, sendo elas, psicológicas e técnicas, e treinam um modelo tático já bastante desenvolvido.

O autor designa a quarta fase de “Treinar para Ganhar”⁵, caracterizando-a como a fase em que todas as competências já estão adquiridas, e o trabalho com os jogadores será na base da optimização dessas mesmas competências, onde deverá ser dedicado 25% do tempo de prática ao treino e 75% à competição. Esta fase tem início aos 18 anos para os rapazes, e aos 17 anos para as raparigas.

³ No original “The training to train Stage”

⁴ No original “Training to compete”

⁵ No original “Training to Win”

A quinta e última fase é designada de “Retiro da Modalidade”⁶, onde os atletas deixam de competir ao alto nível, no entanto continuam a praticar a modalidade como factor recreativo e de manutenção da sua condição física e bem-estar.

Para o autor, a aquisição e consolidação de capacidades e competências num estágio de desenvolvimento desportivo, irão facilitar a continuação da potenciação da performance desportiva num estágio seguinte, atendendo sempre à questão do desenvolvimento como processo individual. Tal ideia é reforçada por Vayer e Rocin (2000), quando afirmam que o desenvolvimento das capacidades dos jogadores é algo que parte de dentro, e como tal, esta interiorização é realizada com marca pessoal, referindo mesmo que se até a nossa simples postura de nos mantermos em pé é marca de cada um, o modo de jogar e interpretar o jogo de futebol também o poderá ser.

2.2.4. Os Intervenientes na Formação Desportiva do Jovem Jogador

“A diferença entre o nível de resolução de um problema sob a direcção e com ajuda de adultos e o nível atingido individualmente define a zona de desenvolvimento potencial”.

(Vygotsky, 1935 / 1985, in Matta, 2001)

Para Byrne (1993), torna-se fundamental percebermos e trabalharmos as relações que são estabelecidas pelos distintos agentes desportivos (ver Figura 1), as quais poderão ditar o tipo e qualidade de experiência desportiva de um jovem jogador. O autor aconselha a promoção de um clima harmonioso, minimizado de conflitos.

⁶ No original “The Retirement Stage”

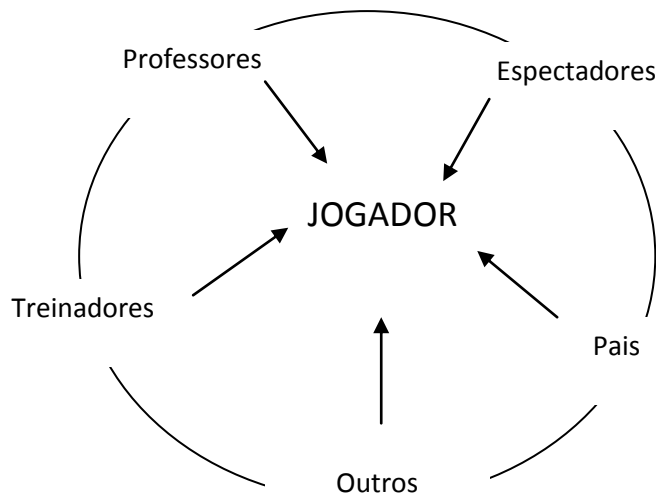


Figura 1: Círculo de Influência (Traduzido e Adaptado de Byrne, 1993, pp. 40).

Para o autor, existe um número elevado de campos ou contextos de vida do jogador, os quais influenciam o tipo de experiência que o jovem jogador poderá reter em termos futuros. Apesar de reconhecer a importância de todos os agentes envolvidos neste círculo, o autor aponta para uma destacada importância do papel do treinador e dos pais na formação do jovem jogador.

Smoll (1991), salienta a importância do treinador na formação de um jovem jogador, pelo facto de adquirirem um estatuto importante na vida dos jogadores, podendo ter um papel muito importante ao nível do desenvolvimento pessoal e social do jogador. O autor confere igualmente importância ao papel dos pais relativamente à construção do jogador em contexto desportivo.

Especificando o contexto desportivo da vida do jogador, os autores, acordam no facto de se estabelecer um “triângulo” de relações interpessoais entre jogador, treinador e pais. Este tipo de triangulação nas relações que se estabelecem no contexto desportivo, porque, tal como defende Byrne (1993) os contactos entre estes três agentes são inevitáveis quando falamos em formação desportiva. Contudo, nem sempre estas relações são optimizadas no sentido de promover um trabalho conjunto, e tal como refere o autor, muitas vezes os treinadores apontam a origem dos problemas, não para os jogadores, mas para os pais.

Deste modo pretendemos aprofundar nos subcapítulos seguintes a importância que cada um concerne na formação desportiva do jovem jogador.

2.2.4.1. Os Treinadores e a Formação para a Excelência

Segundo Pacheco (2004), o treinador de jovens jogadores é considerado como um elemento central num vasto e complexo campo de inter-relações que se estabelecem entre os distintos agentes desportivos, pois exerce uma influência de acção directa para com o jogador, e de modo indirecto para com todos aqueles que gravitam em volta do jogador, como sendo, treinadores adjuntos, pais, enfermeiros e até mesmo espectadores.

Torna-se cada vez mais relevante a compreensão do papel do treinador de jovens jogadores, pois a sua acção para além de promover o ensino a aperfeiçoamento dos domínios táctico, técnico e físico dos jogadores, visa também o desenvolvimento psíquico dos jogadores.

Este papel assume especial importância pelo facto de ser um elemento que transmite conhecimento ao nível desportivo, ao nível social, ao nível educacional, e por vezes até ao nível político e religioso. Deste modo, o “ser” treinador não deverá esgotar as suas funções somente em questões de ordem metodológica de treino e jogo, como deverá complementar com funções de ordem global e multidisciplinar para a formação dos jovens jogadores (Araújo, 1994).

Para o autor Nunes (1995), a qualidade da prática desportiva está estritamente relacionada com o nível de qualidade dos técnicos envolvidos no contexto de formação. Para tal, e neste caso dos treinadores, deverão socorrer-se de uma formação competente, como formações e cursos de actualização de conhecimentos (Pacheco, 2004), que os capacite para a orientação de programas de desenvolvimento das diferentes capacidades nos jovens jogadores (Nunes, 1995). Em termos práticos, o treinador deverá possuir uma excepcional capacidade de análise do treino e do jogo, a qual lhe permitirá o aperfeiçoamento e consolidação de rendimentos individuais e colectivos.

Salmela & Moraes (2003) apresentam de modo esquematizada (Figura 2) a forte influência que o treinador concerne na formação de jovens jogadores.

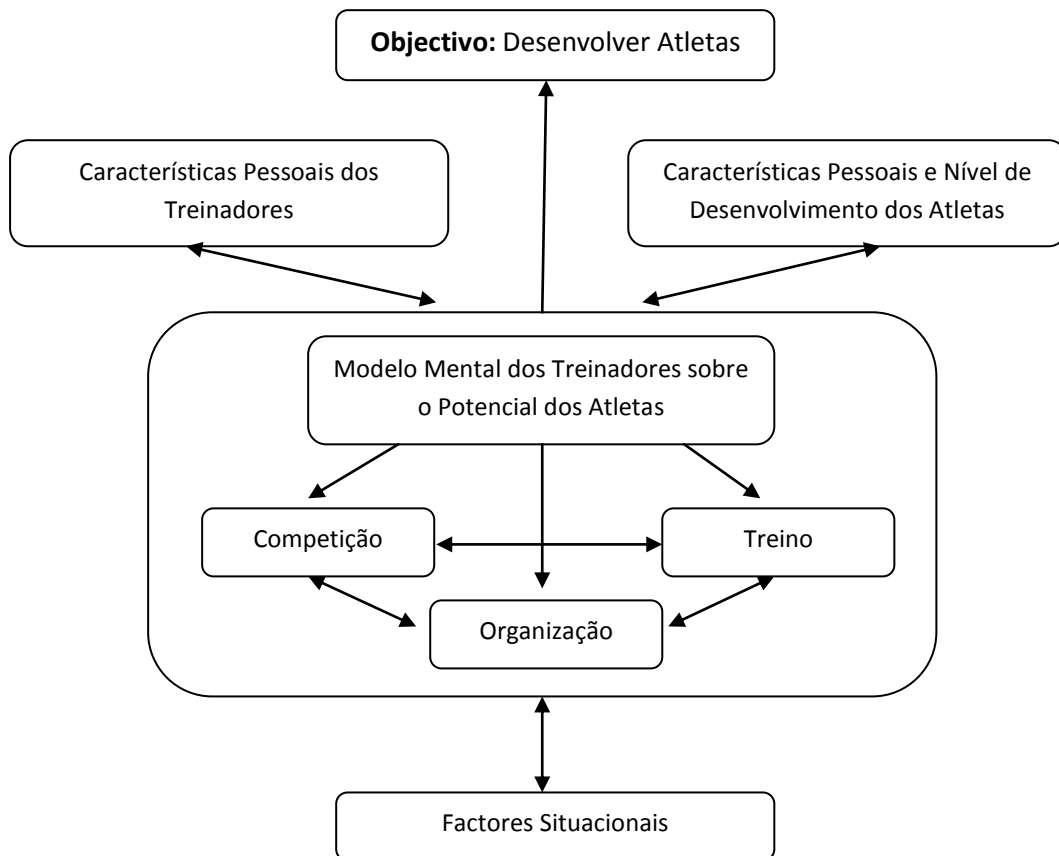


Figura 2: A Representação Mental do Modelo de Coaching (Traduzido e Adaptado de Salmela & Moraes, 2003, p. 278, do original Côté et al, 1995).

Uma das primeiras notas que os autores fazem é o facto das características pessoais dos treinadores, influenciarem o modo como ele vai criar uma interacção com os seus jogadores, estando também dependente, esta interacção das características dos seus jogadores. Por sua vez, esta interacção criada poderá ainda ser influenciada ou condicionada por factores situacionais, como sendo, por exemplo, a região onde se encontram, o tipo de campeonato que disputam, ou até o nível competitivo

Segundo Pacheco (2004), o treinador deverá deter um conhecimento aprofundado dos jovens que treina, identificar e contribuir para o desenvolvimento de capacidades

específicas de ordem física, tático-técnica e psicológica, promover o gosto e o prazer pela prática desportiva, moderar expectativas dos jogadores e dos seus familiares de modo realista, e por último, deverá valorizar o esforço e o progresso na aprendizagem colocando em destaque os interesses e formação do jogador em detrimento das vitórias da equipa.

2.2.4.2. O Envolvimento Parental na Prática Desportiva

A estrutura parental afirma-se como um dos elementos fundamentais no que diz respeito ao suporte e apoio afectivo do jogador ao nível da sua formação, não apenas representada por um dos elementos, mas por ambos os progenitores (Gilroy, 1993).

Para Côté (1999), estudar a influência que os elementos familiares têm na performance do jogador, torna-se algo complexo, devido aos inúmeros e diversificados contextos familiares. Contudo, o autor estudou uma população de 15 elementos, constituída por atletas (remo e ténis), irmãos, mães e pais. A selecção das famílias para o estudo foi realizada de acordo com o *background* de sucessos alcançados pelos atletas. O autor pretendeu avaliar o papel dos familiares e a sua importância ao longo da carreira do atleta, para a qual considerou três fases, iniciação, especialização e profissionalização. Verificou-se que ao longo da fase de iniciação (dos 6 aos 12 anos), os familiares, nomeadamente os pais, assumem um papel de liderança, e tentam inicialmente que os filhos se mantenham interessados na prática desportiva. Na fase de especialização os pais tornam-se verdadeiros suportes para com o jogador, onde no estudo não se evidenciou qualquer tipo de pressão por parte dos pais, em ambas as modalidades. Na fase de profissionalização, a família faz grandes sacrifícios para que os atletas tenham as melhores condições de treino, colocando no atleta imensas expectativas para a sua carreira desportiva.

Com o intuito de perceberem o papel dos pais na formação desportiva dos atletas, Teques & Serpa (2010), elaboraram um estudo onde privilegiaram a comparação entre pais e mães de jogadores talento com os de jogadores não-talento. A amostra era constituída por 162 pais e mães de jogadores de futebol com idades compreendidas

entre os 13 e os 18 anos. Os resultados evidenciaram que os pais dos jogadores talento evidenciavam mais invocações para o envolvimento procedentes do filho, demonstraram uma melhor clareza do seu papel na formação desportiva do filho e denotaram maior encorajamento e reforço na formação desportiva do jovem jogador, comparativamente com os pais dos jogadores não-talento.

Na investigação, o papel e por consequente a influência dos pais na participação desportivas dos jogadores é algo que tem sido bastante debatido. Para Gomes (1997), é fundamental este estudo uma vez que o contexto familiar é o primeiro contexto de vida de um jogador, o qual o irá influenciar, condicionar, reforçar, em diferentes contextos de vida do jogador, podendo estes ensinamentos serem fundamentais, se positivos, no alcance de performances de excelência.

2.3 A Excelência Desportiva

“Não há qualquer prova de uma ‘via rápida’ para os mais bem sucedidos”
(Sloboda, J. A., in Colvin, G., 2008, pp. 27)

“Acreditar estimula... a paixão fortalece... a iniciativa activa... o foco direcciona... a preparação posiciona... a prática aguça... a perseverança sustenta... a coragem testa... ser receptivo ao ensino expande... o carácter protege... os relacionamentos influenciam... a responsabilidade fortalece... o trabalho de equipa multiplica... o Talento de qualquer um.”
(Maxwell, 2007, pp. 7)

2.3.1. A tentativa de Definição para uma possível distinção de rendimentos

“(...) a relação entre a herança e o meio não é nunca de exclusão nem de percentagem. São relações marcadas pela complementaridade e por um peso diferencial em função do aspecto de que se trate e do momento evolutivo que se considere”
(Palácios, 1995, cit. Matta, 2001)

A noção de rendimentos superiores no desporto não é uma realidade recente. Há muito que os investigadores dedicam especial atenção à realização de estudos que permitam a diferenciação de desempenhos. O conceito *Expertise* tem sido utilizado em distintos domínios, como por exemplo na música e no desporto. Em ambos, o conceito refere-se a rendimentos superiores alcançados por certos indivíduos comparativamente com outros.

Para efectuar uma correcta análise do conceito de *Talento*, é fundamental a realização da sua contextualização. Torna-se fundamental colmatar as lacunas existentes na operacionalização deste conceito, onde as perspectivas e posições de análise foram-se alterando ao longo dos tempos.

Segundo Murray, 1989 (cit. Ericsson *et al*, 1993), os rendimentos desportivos de excelência eram atribuídos á intervenção divina ou até mesmo á influencia dos astros. Francis Galton, atribuía as competências superiores a influências genética, fundamentando que as capacidades inatas poderão determinar as capacidades mentais (Ericsson, 2003). Galton reconheceu na sua teoria a importância do treino para o individuo atingir rendimentos superiores. Apesar de nunca ter concluído quais os atributos específicos (hereditários) que determinam as diferenças nas distintas capacidades.

Na literatura aparecem algumas referências relativamente ao facto do jogador já nascer com características ou com uma predisposição genética para alcançar a excelência (Tani, 2004). No entanto, vai surgindo na comunidade científica, a noção que assume que a prática organizada e estruturada da modalidade apresenta-se como uma melhor predictor no alcance da excelência desportiva (Garganta, 2009). Relativamente a esta “supremacia” da prática organizada em relação aos factores genéticos, surge o conceito de Epigenética.

Para Changeux (2003), o conceito etiologicamente subdivide-se em *epi* que da tradução do grego diz-nos “por cima”, e *gênesis* o qual traduzimos por nascimento. Poderemos concluir que para este autor, a experiência adquirida, a estimulação continuada e o processo aprendizagem, explicam de modo mais eficaz o alcance de desempenhos superiores, comparativamente com a contribuição dos factores genéticos. Ainda debatendo este conceito, Goleman (2006), aponta para o modo como o contexto, e os seus constrangimentos situacionais accionam ou alteram a funcionalidade genética.

Contudo, o autor vai mais longe e adopta o conceito de Epigenética Social, assumindo claramente a relevância do envolvimento no desenvolvimento do indivíduo, salientando que este fenómeno se revela de extremamente importância na infância dos jogadores.

Güntürkün (2006), defende a complementaridade de duas perspectivas. A primeira faz referência à herança genética de cada indivíduo, a qual irá permitir a construção de regularidades sensoriais com o mundo envolvente. A segunda perspectiva realça a importância de um sistema de experiências organizado e estruturado, o qual irá permitir ao indivíduo uma infinidade e diversidade de construções e reconstruções de conhecimento, as quais permitirão a formação de uma identidade global do indivíduo. O autor defende que o despoletar e o desenvolvimento de capacidades no indivíduo se desenrola devido à interacção estabelecida entre estas duas perspectivas, promovendo processos de aprendizagem continuados.

Esta noção da complementaridade é corroborada por Davids & Baker (2007), os quais na sua investigação apresentam a noção de interacção entre factores genéticos e factores ambientais, onde ambos influenciam a performance desportiva do jogador. Face a esta perspectiva da complementaridade de factores, surge a noção do balde vazio (Garganta, 2009), onde os factores genéticos delimitam o tamanho do balde, e os contributos ambientais vão definir a qualidade do conteúdo que irá encher esse mesmo balde.

Ericsson *et al* (1993; Ericsson, 2007), afirmam que os atributos aparentemente físicos, com excepção da altura, podem ser explicados através de uma prática prolongada dentro de um dado domínio específico.

No sentido de especificar como caracterizar um jogador talento, Abernethy *et al* (1994), apresentou uma listagem de características que distinguem os jogadores de elite, jogadores intermédios e os jogadores inexperientes, a dois níveis, ao nível da execução motora e do processo de selecção de resposta, na modalidade de *snooker*. Respeitante à execução motora, os jogadores de elite evidenciam padrões de comportamento mais consistentes e adaptados à situação e apresentam maiores níveis de compreensão e de aquisição da informação cinestésica. Ao nível da selecção de respostas, os indivíduos mais dotados evidenciam níveis superiores de conhecimento de factos e processos, de modo organizado e estruturado; apresentam maior número de respostas adaptadas às situações, planificam as suas acções com antecedência, antecipam com maior frequência

as acções de um adversário e possuem um superior auto-controlo no processo de tomada de decisão.

Valdano (1997) define o conceito de talento afirmando que estes tem inúmeras formas de se demonstrar, por vezes poderá ser definido por uma execução técnica, outras por um simples movimento, ou pelo simples poder de desequilibrar. De modo resumido o autor realça que é aquele que se distingue dos demais, ou seja, é aquele que antecipa, resolve os problemas de modo simples, mas é inteligente porque os evita. Esta ideia é defendida por Ericsson *et al* (1996), o qual afirma que por vezes a ideia que a maioria das pessoas tem é que as acções dos jogadores de elite são algo mecanizadas, automáticas. No entanto, o autor salienta que o jogador de elite é um *expert* no processamento de informação, o qual envolve uma fase de planeamento, uma fase de selecção de estímulos e avaliação da situação, e mais importante ainda, é capaz de antecipar acções futuras.

Segundo Howe *et al* (1998) existem factores que poderão predizer o alcance de rendimentos superiores, como é o exemplo do início precoce da experiência desportiva, o tipo de oportunidades, assim como o tipo de treino que é ministrado.

Na opinião de Wein (2004), a definição de talento desportivo refere-se ao jogador que é completo. Para o autor um jogador completo é aquele que congrega em si diferentes capacidades como, tático-técnicas, físicas e cognitivas, que ao se relacionarem entre si funcionam como um todo perfeito. Esta interacção entre os diferentes domínios, mais a capacidade inteligível que o jogador tem do jogo, definem um jogador considerado talento.

Ericsson *et al* (2007, cit. Papageorgi, 2009), definiu *excelência* como um processo que conduz sistematicamente a um desempenho superior, sendo consistente no indivíduo, passível de ser reproduzido e avaliado em laboratório. Em termos de realização, a *excelência* deverá produzir resultados concretos.

Para Serpa (2010, p. 40), “ a capacidade de inovar, reagir às situações de forma criativa e sair da norma, são aspectos que caracterizam as pessoas de excelência nas suas diversas áreas profissionais, sejam grandes líderes empresariais, artistas que marcam épocas, ou desportistas que se tornam referências mundiais. (...) o que os coloca no topo é exactamente a sua capacidade de pensar e agir diferente”.

2.3.2. Prática Deliberada, a chave para o Sucesso?

“A prática não é o que se faz quando se é bom. É o que se faz para nos tornarmos bons”
(Gladwell, 2008, p. 49)

Diversas pesquisas têm demonstrado que, alcançar um nível desportivo de excelência sem uma prática exaustiva, não é possível. Ericsson, Krampe e Tesch-Romer (1993), apresentam uma estrutura teórica que defende o facto de a prática deliberada ser um motor causal no alcance de uma performance de excelência (Côté, Baker e Abernethy, 2007).

Colvin (2008) refere que definir o termo de Prática Deliberada se torna fundamental para a sua operacionalização em estudos desenvolvidos nos diversos domínios, pois em muitas investigações utilizam-se as palavras “treino” e “prática deliberada” para se referir ao mesmo fenómeno. Anota que a Prática Deliberada é um conceito amplo e vasto, no entanto sugerir que explica tudo, seria adoptar uma perspectiva simplista e bastante redutora no alcance de performances de excelência.

Prática Deliberada, é um termo usado na prática de actividades, que têm como objectivo a melhoria consecutiva da performance desportiva (French e McPherson, 2004). Ao contrário da *Deliberate Play* (prática estabelecida com índice motivacional intrínseco, sendo normalmente encarada como bastante agradável) , a Prática Deliberada é realizada para alcançar um objectivo bem definido, e muitas vezes é percebida pelo atletas como sendo menos agradável, sendo regrada explicitamente, visando essencialmente o resultado do comportamento (Côté, Baker e Abernethy, 2007).

Para Colvin (2008) este tipo de prática é dolorosa para quem a executa, mas por sua vez, funciona. Um dos principais constrangimentos da Prática Deliberada, é mental, onde a concentração exigida é tão intensa que por vezes se revela deveras cansativo.

No entanto, para alcançar o nível de excelência, Ericsson (*et al* 1993; 1996; 2007), relatou que para o alcance de uma performance de elite, os jogadores deverão acumular

dezenas de horas de prática deliberada, num período mínimo de 10 anos, o qual deverá ser iniciado na infância ou início da adolescência.

Face a esta perspectiva apresentada por Ericsson, Gladwell (2008, p. 48) refere “E o que são dez anos? Bem, é mais ou menos o tempo que leva a realizar dez mil horas de prática intensiva. Dez mil horas é o número mágico da grandeza”. Baseada na fórmula mágica dos 10 anos de prática, rotulou-se a prática deliberada de “quanto mais prática melhor”. Ericsson *et al* (1993) documentaram que a par desta prática intensiva os jogadores requerem períodos de descanso após o exercício da prática deliberada, para que ao nível físico sejam evitadas lesões por sobrecarga, e ao nível cognitivo, os índices motivacionais sejam mantidos ou melhorados para dar continuidade à prática.

Ericsson, *et al* (1993), provou através de um estudo com violinistas, que o rendimento de excelência alcançado pelos indivíduos, estava directamente relacionado com o número de horas de prática.

Starkes *et al* (1996) analisaram os períodos (horas por semana) de prática deliberada de desportistas, pianistas e violinistas considerados elitistas, durante anos das suas carreiras. Os autores verificaram que no início das suas carreiras os indivíduos realizam uma média de 5 a 7 horas por semana. Em dez anos de carreira os indivíduos já realizam uma prática de 17 a 20 horas por semana, e aos 15 anos de carreira, praticam durante 20 a 25 horas por semana. O aumento gradual da intensidade e frequência de prática deliberada, independentemente da idade, poderá ser necessário para o progresso das habilidades dos jogadores, o que por sua vez resultará num aumento do índice motivacional para a prática do seu domínio específico.

Lidor & Lavyan (2002), apresentou um estudo com 140 atletas, dos quais 63 eram considerados de elite e 78, não-elite. Os autores evidenciaram que o grupo de elite nos três primeiros anos de iniciação à prática desportiva, praticavam em média mais vezes que o grupo não-elite.

Num estudo de índole semelhante, Côté & Abernethy (2003) compararam o número médio de horas de prática por semana, para um grupo de elite ($n = 15$) e não-elite ($n = 13$) na modalidade de hóquei. Os autores verificaram que as diferenças só se tornam significativas a partir dos 18 anos de idade. Aos 12 anos de idade os indivíduos apresentam uma média de horas que ronda as 14, para o grupo elite, e uma média de 6 a

7 horas para o grupo não elite. Aos 14 anos, o grupo de elite apresenta uma média de 17 horas, e o grupo não elite 15 horas. Aos 16 e 17 anos o grupo de elite apresenta uma média de 19 e 21 horas, respectivamente, e o grupo não elite uma média de 16 horas de práticas para as duas faixas etárias. Ainda de acordo com este mesmo autor, Gladwell (2008), surge a perspectiva que este acumular de horas ao longo da formação desportiva de um jovem até à idade adulta, só será possível com um forte investimento da parte dos pais, quer ao nível económico, como a nível emocional.

Ao complementar esta ideia, García-Mas (2002), para além da relevância que confere ao número de anos e horas de prática, o autor salienta a importância de se promover no jovem jogador o valor intrínseco dessa prática, isto é, promover um compromisso com a prática deliberada, fomentado por um nível motivacional e de persistência significativo, evitando, deste modo, o abandono da modalidade.

Em termos de síntese, a Prática Deliberada tem o propósito de melhorar a performance, não propriamente por divertimento. Requer esforços, tanto cognitivos como físicos, relevantes para a aquisição de competências que permitam o alcance, e permanência, do sucesso desportivo. Como salienta Starkes *et al* (1996), será necessário, em investigações futuras, estabelecer directrizes mais claras no que diz respeito à quantidade adequada de prática para determinada idade, assim como fazer um trabalho de moderação de expectativas de pais e treinadores no alcance da excelência desportiva, com o intuito de evitar lesões e o *burnout*, por sobrecargas de treinos e desmotivação. Esta noção é também complementada pelas conclusões de Magill (2000), onde afirma que a quantificação de horas e anos concerne ao processo de formação do jogador um papel muito rudimentar, pois a variedade de experiências e de estímulos são condições determinantes na aquisição de rendimentos superiores.

2.3.3. O Caminho... da Iniciação Desportiva à Excelência de Rendimento Desportivo

“A preparação posiciona o talento e a prática aguça-o”

(Maxwell, 2007, p. 126)

De acordo com Williams (1986), poucos são os jogadores que chegam à competição de alto nível sem um forte comprometimento com a prática e com o esforço físico e mental.

No entanto para Côté (1999, *et al* 2003), este esforço e comprometimento para alcançar o desempenho excelente deverá ser gradual, e por níveis de exigência, adaptados à criança, de modo a que esta possa desenvolver o gosto e o prazer pela prática recusando a desistência da modalidade. Para os autores, um envolvimento divertido nos anos iniciais da prática desportiva, o culto da paixão pela modalidade, parece ser um grande factor decisivo ao nível motivacional nos jogadores de elite (Ericsson *et al*, 1993).

Como analisado anteriormente, Howe *et al* (1998) assumiram que o início precoce da prática da modalidade desportiva poderá ser um forte predictor para o alcance da excelência desportiva. Para Ericsson (1996), este factor é extremamente importante, e defende claramente a prática desportiva em idades mais jovens. No entanto, Côté *et al* (2007; Salmela & Moraes, 2003) salientam que este factor apontado pelos autores por si só não é explicativo de modo definitivo no alcance da excelência desportiva, muitos outros factores deverão ser relacionados, como por exemplo, o tipo de treino ministrado e até mesmo a qualidade dos estímulos proporcionados.

Realçando o facto do início da prática em idades precoces, Ericsson (2003), afirma que a idade de início de prática nos jogadores considerados de elite é consideravelmente mais baixa comparativamente com jogadores ditos inexperientes.

Este factor apresentado pelos autores remete-nos para a temática da especialização precoce, e para a sua problemática. A especialização precoce, poderá ser entendida como o processo na qual os jogadores são inseridos em métodos de treino estruturados e organizados, antes da sua fase de desenvolvimento pubertário (Kunz, 1994). No entanto, para Santana (2001), e especialização numa dada modalidade em idades precoces obrigará o jogador a ser e a comportar-se como alguém que ainda não é. Côté *et al* (2007), assumem que a especialização precoce assume um papel decisivo por exemplo, no caso das ginastas, que atingem muitas vezes o nível de elite antes mesmo do seu desenvolvimento pubertário. Para estas atletas o início da sua actividade já é considerado profissional, onde o prazer e o divertimento muitas vezes não têm lugar. Contudo, os autores alertam para os problemas no desenvolvimento físico, assim como para o elevado risco de contrair lesões graves.

Contudo, e para tentar dar resposta a algumas questões que se levantam em redor da participação desportiva, Côté *et al* (2007) apresentam-nos um modelo de desenvolvimento da participação desportiva⁷ (Figura 3) proposto por Côté & Fraser-Thomas. Este modelo propõe a análise da participação desportiva em distintas trajectórias, uma primeira considerada recreativa caracterizada pela experimentação e *deliberate play*, a segunda caracteriza-se pelo alcance da performance de elite mas com a fase iniciação e *deliberate play*, e por último, a terceira fase, a qual permite o alcance da excelência desportiva através da prática deliberada e da especialização precoce. As diferentes etapas das distintas trajectórias são diferenciáveis pelo tipo e quantidade de prática incutida em cada uma delas. As duas primeiras trajectórias, dos 6 aos 12 anos de idade, têm a mesma base de sustentação da prática desportiva, no entanto a sua diferenciação ocorre depois dos 12 anos, tendo distintos resultados. A segunda trajectória permitirá a especialização na modalidade por parte do jogador entre os 13 e os 15 anos. Na terceira trajectória, o jogador iniciará a sua prática por volta dos 6 anos, e a diferenças das restantes trajectórias reside no facto de não beneficia de uma etapa de divertimento na prática desportiva, treina e compete já com o objectivo de alcançar o sucesso desportivo precocemente.

⁷ No original “Developmental model of sport participation (DMSP)”



Figura 3: Modelo de desenvolvimento da participação desportiva (Traduzido e Adaptado de Côté *et al*, 2007, p. 197).

2.3.4. As Competências Psicológicas que permitem a distinção de desempenhos

Para estudarmos as características dos jogadores considerados de elite, muitos investigadores realizam estudos de comparação entre uma população dita “expert” e outra população com menos habilidades, considerando as mesmas condições, nomeadamente idade e escalão competitivo (Singer e Anshel, 2006).

Um dos primeiros estudos considerado relevante na temática das competências psicológicas no desporto foi levado a cabo por Mahoney, Gariel e Perkins (1987). Os autores apresentaram como principais objectivos: identificar quais as competências psicológicas que diferenciam os atletas de elite dos não-elite, e comparar os perfis dos atletas de elite desenhando um perfil “ideal” do atleta de elite. Os participantes perfaziam um total de 713 distribuídos por 23 modalidades, dos quais 126 eram considerados atletas de elite, 141 considerados de pré-elite, e os restantes 446 eram praticantes universitários. Os resultados demonstrados pelos autores referem que os atletas considerados de elite evidenciavam menos problemas de ansiedade, maiores níveis de concentração, apresentavam maior nível de auto-confiança, recorriam mais vezes à preparação mental, centravam-se mais no seu próprio rendimento comparativamente com o da sua equipa, e apresentavam maiores índices motivacionais.

Relativamente às características que diferenciam os indivíduos elitistas dos restantes, Abernethy, Burgess-Limerick, and Parks (1994, cit. French e Mcpherson, 2004) sintetizaram que os indivíduos considerados de elite, relativamente á execução motora, as acções são mais automáticas, exigindo menos esforço. Estes indivíduos promovem ainda acções-padrão com consistência e adaptabilidade. Ao nível da percepção, apresentam percepções de informação cinestésica superior, assim como uma superior auto-monitorização dos *skills* motores. Relativamente á selecção de respostas, os atletas de elite são mais rápidos a reconhecerem padrões, os quais apresentam ainda o seu conhecimento organizado e estruturada. Os indivíduos reconhecidos com mais capacidades, evidenciam ainda maior conhecimentos das distintas possibilidades de diferentes situações. Para concluir, os autores apresentam ainda, a capacidade de se anteciparem face ás diferentes acções, e o facto de possuírem uma auto-monitorização da tomada de decisão.

Num estudo similar, mas realizado em Portugal, Cruz (1994), realizou uma investigação com 246 atletas, dos quais 133 eram considerados atletas de elite. Os objectivos do estudo pretenderam identificar competências psicológicas que melhor diferenciavam os atletas tendo em consideração o sucesso desportivo, avaliar as necessidades e dificuldades em termos de competências psicológicas na alta competição e avaliar diferenças nas competências psicológicas em função do sexo e do tipo de modalidade praticada. Os resultados obtidos demonstraram que os atletas considerados de elite possuíam um maior nível de auto-confiança e um maior índice motivacional, como também evidenciaram um maior controlo de ansiedade e uma maior capacidade de se manterem concentrados enquanto competiam.

Salmon, Hall & Haslam (1994) comparam um grupo de jogadores de futebol, num total de 362 jogadores, subdivididos em dois grupos, elite e não-elite. Os autores propuseram-se a comparar a frequência do recurso da visualização mental em situações competitivas. Os resultados demonstraram que os jogadores de elite utilizam a visualização mental como estratégia para os motivar, comparativamente com os jogadores não-elite. Estes resultados foram corroborados por Arvinen-Barrow et al (2007) num estudo realizado com 83 atletas (39 de elite e 44 não-elite) em diferentes modalidades, rugby e artes marciais (*open-skills*) e, golf e patinagem artística (*closed-skills*).

Os autores Williams e Reilly (2000) ostentaram um estudo em que diferenciaram jogadores de elite com outros considerados menos “expert”, com menos capacidades. Neste estudo os autores apresentaram as seguintes conclusões: os jogadores considerados de elite são mais precisos no acto de reconhecer padrões de jogo. Outra competência que salientam é o facto de se conseguirem antecipar a sua acção face aos restantes jogadores.

No sentido de analisar o contributo dos *skills* visuais (acuidade visual estática e dinâmica, visão periférica, sensibilidade estereoscópica), perceptivos e cognitivos (capacidade antecipatória e memória) no desempenho de excelência no desporto, Ward e Williams (2003) estudou uma amostra de 137 jogadores de futebol, distribuídos em dois grupos, elite e não elite, com idades compreendidas entre os 9 e os 17 anos. O autor concluiu que nos *skills* visuais as diferenças entre os dois grupos para todas as idades

não eram significativas. No entanto as capacidades perceptivas e cognitivas revelaram-se predictoras no alcance da performance de excelência entre os 9 e os 17 anos de idade.

Com o objectivo de comparar competências psicológicas entre dois grupos no atletismo, Montemayor *et al* (2006) recorreu a um grupo de 76 atletas (24 mulheres e 48 homens) subdivididos em dois grupos, elite (Seleção Nacional) e não-elite, com média de idade de 26,67 (dos 15 aos 34 anos). Os autores pretenderam comparar as diferenças de competências psicológicas por sexo, e por nível competitivo. Relativamente ao sexo, os autores concluíram que as mulheres se sentiam mais motivadas, com superior controlo de ansiedade e com maior nível de coesão de equipa. Por sua vez, os homens revelaram maior índice de prática de visualização mental, assim como maior índice de auto-confiança. Em relação ao nível competitivo, os atletas do grupo de elite revelaram maior motivação, controlo de ansiedade, auto-confiança, e coesão de equipa comparativamente com o grupo não-elite.

Thelwell, Greenlees e Weston (2006), realizaram um estudo com 9 jogadores de futebol entre os 19 e os 23 anos de idade, onde pretenderam avaliar a variabilidade das competências psicológicas (relaxamento, imagética e auto-instrução) em posições específicas do futebol, nomeadamente as posições do meio-campo, ao longo de 9 jogos oficiais. Os participantes seleccionados jogaram maioritariamente ao longo da sua carreira desportiva em posições do meio-campo. A intervenção realizada pelos autores ao nível do relaxamento, imagética e auto-instrução promoveu melhoras no rendimento dos jogadores, nomeadamente nas variáveis dependentes consideradas para o estudo, as quais, segundo os autores são as essenciais nesta posição do campo (qualidade do primeiro toque e passe). Estes resultados fornecem evidências adicionais para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de *skills* psicológicos no futebol, para o alcance de um melhor e consistente desempenho desportivo.

Um outro estudo, levado a cabo por Neil *et al* (2007), analisou um grupo de 115 atletas de rugby, subdividido em grupo de elite (n = 65) e grupo não elite (n = 50), com idades compreendidas entre os 18 e 36 anos de idade (média = 20,38; desvio padrão = 2,92). Propuseram como objectivo de estudo a análise da direcção e da intensidade de sintomas para a ansiedade, assim como comparar o uso de competências psicológicas nos dois grupos. Concluíram que o grupo de elite revela uma maior predisposição facilitadora na análise de sintomas de ansiedade em competição, apresentam maiores

níveis de auto-confiança, e evidenciam um maior recurso à técnica de auto-instrução, assim como uma baixo índice de uso da técnica de relaxamento, comparativamente com os atletas considerados não elite. Por sua vez, o grupo não elite denotam um maior recurso ao uso da técnica de relaxamento com o intuito de moderar os níveis de ansiedade evidenciados.

Numa amostra de 41 golfistas profissionais (média de 3,68 anos de prática), os quais praticavam em média 30,9 horas por semana, foram estudados ao nível das competências psicológicas e a relação destas com a performance desportiva. Mais especificamente os autores pretenderam testar possíveis diferenças nas capacidades psíquicas de atletas de sucesso comparativamente com atletas que não obtiveram um desempenho excepcional, assim como avaliar as competências psicológicas que poderiam ser predictoras de bons desempenhos desportivos. Os resultados obtidos indicaram que os atletas de sucesso evidenciavam níveis elevados de ansiedade somática e cognitiva, possuíam estratégias de relaxamento, evidenciavam bons níveis de controlo emocional.. Os autores concluíram ainda que os atletas de alto nível comportam características como: índices consideráveis de ansiedade cognitiva, recorrem mais ao uso de técnicas de relaxamento e evidenciam controlo emocional no seu desempenho desportivo (Bois *et al*, 2009).

Salmela *et al* (2009) realizaram um estudo onde pretenderam comparar skills psicológicos de atletas iranianos de acordo com diferentes níveis de qualificação, sendo, qualificados e não-qualificados, e medalhistas e não-medalhistas. A amostra do estudo era constituída por 214 atletas, com média de idades de 27,6 para os homens, e 22,8 para as mulheres. Os resultados evidenciaram que os jogadores de nível internacional apresentam maiores níveis de *skills* psicológicos. Mais especificamente, os resultados foram significativos ao nível da reacção ao stress, da refocalização na tarefa, e do relaxamento. Relativamente aos medalhistas e não medalhistas, tanto para os homens como para as mulheres, a única escala que se revelou de modo significativo foi a do controlo do stress.

Apesar das características psicológicas dos jogadores não possam só por si determinar o alcance da excelência desportiva, são um factor importante e muitas vezes decisivo no alcance de performances de elite (Cruz, 1996).

2.3.5. A Antecipação de uma realidade futura... a Detecção, a Selecção e o Desenvolvimento de Jovens Promessas no Futebol.

Para os autores Howe *et al* (1998), apenas uma pequena percentagem de jogadores é considerada realmente talentosa, e realizar a detecção de capacidades excelentes nestas minorias em idades mais jovens, torna-se algo um pouco complexo, no entanto, existem indicadores os quais poderão salientar a presença de um jogador considerado talento.

Quando procedemos à selecção de jogadores considerados talentos, o objectivo é mesmo esse, seleccionar os melhores. Mas como garantimos que os comportamentos observados naquele momento de avaliação permanecerão consistentes ao longo do tempo? E um jogador que teve um fraco rendimento nesse momento de avaliação, pode-se catalogar como um não-talento? Será que em outro momento de avaliação ele não poderia ter um rendimento superior? (Magill, 2000).

Na observação de jogadores, como em qualquer outro tipo de observação, está implícita a questão da subjectividade do observador, a qual poderá ser influenciada por crenças, expectativas e experiencias que este tenha vivenciado. Apesar do forte investimento de grandes clubes neste tipo de processo, há que assumir a possibilidade da existência de erros e desvios dos padrões comportamentais observados (Williams & Reilly, 2000).

Segundo os mesmos autores, são estabelecidos potenciais predictores do rendimento desportivo de excelência no futebol. Neste conjunto são considerados factores de ordem física, fisiológica, sociológica e psicológica, com o intuito de pormenorizar e especificar a observação, tentando minimizar a margem de erro. No Quadro 2 são especificados os diferentes domínios e as respectivas características a observar.

Potenciais Predictores de Talento no Futebol	
Físicos	Altura; Peso; Tamanho do corpo; estrutura óssea e muscular; massa gorda.
Fisiológicos	Capacidade Aeróbia; Resistência Anaeróbia; Potência Anaeróbia.
Sociológicos	Suporte Parental; <i>Background</i> socioeconómico; Educação; Interação treinador-atleta; Horas de Prática; Background cultural.
Psicológicos	Atenção; Antecipação; Tomada de Decisão; Inteligência de Jogo; Pensamento Criativo; Personalidade (Auto-Confiança; Controlo da Ansiedade; Motivação; Concentração).

Quadro 2: Potenciais Predictores de Talento no Futebol (Traduzido e Adaptado de Williams & Reilly, 2000, p. 665, do original Williams & Frankis, 1998).

Os autores consideram que as características primordiais que poderão em maior escala prever o alcance de um rendimento superior são essencialmente físico-motoras e fisiológicas. Relativamente às componentes psicológicas, no processo de selecção e segundo os autores, a predição a rendimentos superiores não pode ser provada cientificamente. Contudo, a importância de factores como a concentração, a auto-confiança e motivação, tem sido posta a prova com inúmeras investigações que reconhecem a importância destas capacidades. Segundo os mesmos autores, os clubes deveriam receber aconselhamento para conseguirem avaliar estas questões, pois contrariamente ao que se pensa, as competências psicológicas podem e devem ser optimizadas com técnicas de intervenção adequadas. Os autores chegam mesmo a reconhecer que, quando bem potenciadas, as capacidades psicológicas poderão fazer a diferença para se considerar um jogador sendo de elite ou não, podendo até a sua importância prevalecer em determinadas situações, comparativamente com os outros domínios, físico e fisiológico.

Em termos de síntese, ao longo de todo este capítulo de Revisão de Literatura, a nossa principal preocupação centrou-se na contextualização do fenómeno da excelência desportiva para com variadíssimos factores. Numa primeira análise, centramo-nos na caracterização da modalidade desportiva com o intuito de clarificar o contexto onde a investigação será colocada em prática. Após a conclusão da análise daquilo que é e pode

ser o Futebol, preocupamo-nos em perceber e enquadrar o individuo como elemento proactivo no processo de formação desportiva. No entanto, sabemos que a contribuir para esta formação desportiva se encontram determinados agentes desportivos relevantes neste processo. Como evidenciado através de distintos autores, foi-nos fundamental o levantamento e esclarecimento das funções, do papel e até mesmo das influências na formação do jogador, nomeadamente do treinador e dos pais. Por último, focamos a nossa atenção em questões direccionadas para a Excelência Desportiva. Neste capítulo, preocupamo-nos em apresentar várias definições do conceito de talento desportivo à luz de distintos autores, sendo uma etapa base para conseguirmos desenvolver toda a discussão que se levanta em pontos seguintes. Foi nosso propósito também, e ainda neste capítulo, analisar o percurso entre o inicio de prática desportiva por parte dos jogadores, até ao possível alcance de rendimentos superiores. Um último ponto, e fundamental nesta investigação, foi a análise de diferentes estudo que diferenciam jogadores através de competências psicológicas. O objectivo sempre presente nesta recolha de informação foi criar uma base de sustentação sólida e adequada aos estudos que serão desenvolvidos no capítulo da Metodologia.